

A morte do ex-presidente

*Manoel Ferreira Lira
morrosanto@gmail.com



Corpo sendo retirado dos destroços do avião que matou o ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco

O ano era 1967, dia 18 de julho. Como redator da rádio Cultura da Bahia AM, que funcionava conjuntamente com a rádio Bahia AM, num casarão na praça do Campo Grande, vizinho ao palácio da Arquidiocese da Bahia, seguia num trabalho comum ao lado de um rádio Philips Olho de Boi e de um gravador de rolo Akai. Era um dia como outro qualquer; ou deveria ser. Passava do meio-dia, quando procurando sintonizar emissoras do sul do país à procura de notícias, ouvi um radioamador.

-Atenção, atenção! Acaba de morrer o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco num acidente de avião. O ex-presidente da República morreu com mais outros três passageiros. Atenção, atenção! Aqui é o radioamador PQ7 XXX, PQ7 XXX.

Foi um choque. Senti um calafrio. O homem mais importante da “revolução” de março de 1964 estava morto. Liguei imediatamente o gravador Akai e coloquei papel da máquina Olivetti. Gravei tudo que dizia o radioamador. Depois, uma a uma, sintonizei as rádios Globo, Tupi, Nacional (as mais usadas diariamente), todas do Rio de Janeiro, nas ondas curtas de 49, 31m, 25m. Nenhuma notícia sobre a morte do ex-presidente da República.

E agora, que faço? Levo a notícia para o locutor Joseval Costa Lino? Peço autorização ao diretor das rádios? Se assim o fizesse, poderia perder o “furo”, a notícia em primeiro lugar (o diretor das rádios Cultura da Bahia e Bahia era um coronel da reserva do Exército, ex-membro do CIEEX, o Centro de Informações do Exército) Só isto me deixava arrepiado de medo, pois ainda era estudante de jornalismo na UFBa.

Tinha que agir rápido. Criei coragem e subi os degraus que separava a redação do estúdio:

-Joseval! Saiu agora, nenhuma rádio deu esta notícia. É um “furo”!

-Meu Deus! Você falou com o coronel? Não vou dar esta notícia, não. Sem autorização, nós dois vamos ser demitidos e, pior, vamos pra cadeia.

-Não, não falei com ninguém. Tentei o número do coronel, mas não atende. Só faz chamar.

Ele tinha razão. Aqueles dias, governado pelo general Emílio Garrastazu Médici, não eram fáceis. Tínhamos de ser cuidadosos, muito cuidadosos. Mas, a veia jornalista (mesmo ainda estudante) gritava pela notícia. Convenci o Costa Lino.

E a rádio Cultura da Bahia silenciou a música que tocava. E deu uma extraordinária:

-Atenção ouvintes! Muita atenção! Acaba de morrer, em um acidente de avião, o ex-presidente da República, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Vamos repetir: acaba de morrer o ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, em desastre de avião no Ceará.

Fiquei com medo e alegria; era uma mistura de medo do que poderia acontecer e, ao mesmo tempo, cheio de alegria de “furar” as outras rádios, dando em primeira mão aquela notícia.

Somente vinte e cinco minutos após, o noticiário “O Globo no Ar” dava a notícia. E se seguiram as outras rádios, como “pipocaram” os radioamadores com a notícia da morte do ex-presidente da República.

Mais ou menos uma hora depois que a rádio Cultura da Bahia noticiou o fato, estava eu e Joseval na sala da direção, tendo à frente o coronel, a explicar, ou dar, os motivos daquele noticiário.

Nem fomos demitidos nem presos.



Bimotor Piper Aztec, do governo do Ceará, que caiu com o ex-presidente Castelo Branco (foto domínio público)

Algum tempo após, uma comissão de inquérito apurava as causas do acidente entre o avião que transportava o ex-presidente Castelo Branco e um jato TF- TF-33A, da Força Aérea Brasileira (FAB). Até hoje, teorias de conspiração surgem e desaparecem, com afirmações da intencionalidade do acidente.

(O marechal Humberto de Alencar Castelo Branco morreu no desastre de um bimotor piper aztec e acompanhado de outros três passageiros. Volta de Quixeramobim, onde tinha visitado a escritora Rachel de Queiroz, sua amiga. Havia exercido o cargo de presidente da República, de 1964/1967, e era considerado um moderado. Seu sucessor foi Emílio Garrastazu Médico. Quando se aproximava do aeroporto, já sobrevoando o bairro Mondubim, o avião cedido pelo Governo do Ceará foi subitamente colhido por um jato TF-33A, da Força Aérea Brasileira (FAB). O caça compunha esquadrilha de quatro aeronaves e bateu “com precisão cirúrgica” com a ponta da asa esquerda no leme de direção e quilha do piper, arrancando parte da cauda. As autoridades deram o caso como um lamentável acidente).

*Do livro, em PDF, **Memórias de um Quase Comunista**, do autor.

(Publicado no **JORNAL DE ARAPIRACA**, Edição 191, 2021)